

## **Projeto de Ensino Rural em Imagens: situando o “lugar de fala” que ancora as percepções de estudantes de agrárias sobre o rural**

**DAIANE ROSCHILDT SPERLING<sup>1</sup>; FERNANDA NOVO DA SILVA<sup>2</sup>; HENRIQUE EHLERT POLLNOW<sup>3</sup>; GERMANO EHLERT POLLNOW<sup>4</sup>; NÁDIA VELLEDA CALDAS<sup>5</sup>**

*<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – daianesperling@hotmail.com*

*<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – henriquepollnow.96@gmail.com*

*<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – germano.ep@outlook.com*

*<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – fernandanovo@gmail.com*

*<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – velleda.nadia@gmail.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

Diversos caminhos de análise nos apontam ao fato de que o rural é, frequentemente, representado enquanto lugar da produção agropecuária, sendo apontado por alguns dicionários da língua portuguesa como agrícola e/ou rústico. Estudos, como de ABRAMOVAY (2003), denunciam que a própria definição adotada pelo IBGE é de “natureza residual”, concebendo o rural como resíduo do urbano. Outrossim, se faz a associação a um lugar atrasado, onde não há desenvolvimento e nem acesso a serviços.

Entretanto, notadamente no Brasil, a identificação de um amplo leque de categorias no campo – a exemplo de: neorurais, agricultores pluriativos, desempregados, aposentados, pensionistas, etc – cuja reprodução social depende, cada dia mais, de atividades e rendas que guardam nada ou pouca relação estrita com a agricultura, tem conduzido ao reconhecimento do rural segundo novos atributos, de novos papéis (CARNEIRO & MALUF, 2003) ou vocações que se situam “para além da agricultura” ou mesmo “para além da produção”, conforme já deflagrava

Há também que considerar que, segundo JOLLIVET (1998), a ruralidade não deixa de existir em que pese o declínio e não predominância da população rural, em verdade, o que se tem observado é a expressão de ruralidades, sustentadas por múltiplos sentidos/olhares, que são fruto de construções sociais e revelam percepções, as conexões que se efetivam, mediadas pelo grau ou tipo de envolvimento com esse espaço.

Tais percepções que permitem dar os primeiros passos no processo de (re)conhecimento de uma realidade. Para DORIN (1984 p. 163), percepção é “[...] é um processo pelo qual tomamos consciência imediata dos objetos e fatos e de suas relações num dado contexto ambiental, [sendo] sempre uma interpretação pessoal de um evento externo”.

Sob este prisma, é importante reafirmar que, cada vez mais, o rural tem sido capturado por diferentes olhares, que deflagram um conjunto diverso de percepções, e que, por conseguinte, orientam o *modus* como os sujeitos pensam, planejam e orientam suas ações, que, em grande medida, interferem (in)diretamente sobre as potenciais perspectivas de futuro e sucessão do/no rural, enquanto espaço de produção e, sobretudo, enquanto espaço de vida.

Ao longo das diversas edições do Projeto de Ensino Rural em Imagens – iniciado no segundo semestre de 2013, com o grande propósito de compreender como os estudantes percebem o rural, como explicam sua perspectiva e como direcionam suas lentes, no sentido de problematizar tais perspectivas frente a realidade e estimular um processo de formação de sujeitos críticos e pró-ativos –

produziu-se a demanda, desde 2016, de situar o “lugar de fala” destes estudantes, analisando seus perfis e a existência de vínculos com o rural, no afã de estabelecer uma compreensão mais profunda sobre as categorias que coadunam suas percepções sobre o rural.

## 2. METODOLOGIA

Os dados que subsidiaram este trabalho são oriundos de uma das ações vinculadas ao Projeto de Ensino “Rural em Imagens”, qual seja: a Roda de Apresentação e Discussão do Rural em Imagens. O projeto tem direcionado suas ações junto aos estudantes da disciplina de extensão rural, desafiando-os a explicitar seu entendimento a respeito do que vem a ser rural, a partir de um breve texto que apresenta a fotografia, que, do seu ponto de vista, é capaz de representar sua percepção. Na fase de apresentação de suas imagens e justificativas, os estudantes (de Agronomia, Veterinária e Zootecnia) foram, inicialmente, convidados a responder um breve questionário, que visava identificar seu perfil e seu “lugar de fala”. Outrossim, antes mesmo de apresentarem suas imagens/justificativas foram imbuídos da tarefa de eleger uma palavra-chave, capaz de resumir seu entendimento sobre o rural. Neste trabalho são trazidas informações de quatro semestres letivos, que foram coletadas desde sua primeira edição no segundo semestre de 2016 até o primeiro semestre de 2018. Os dados foram sistematizados em um banco junto ao programa estatístico *IBM SPSS*, integralizando além das informações do questionário as referidas palavras-chave.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desta pesquisa participaram 546 estudantes: 225 da Agronomia, 240 da Veterinária – sendo 44 da Turma Especial com ingresso via PRONERA – e 81 Zootecnia. Estes estudantes possuem média de idade de 24,67 anos, estando 71,6% alocado na faixa entre 20 e 25 anos e 21,6% na faixa entre 25 e 30 anos. É importante comentar que entre estes estudantes encontram-se alguns com idade igual ou superior a 40 anos. Outro ponto que nos parece importante explicitar que a média (24,67 anos) é menor em virtude da média etária dos graduandos em zootecnia (24,26 anos), visto que os estudantes de veterinária possuem em média 24,79 anos e os de agronomia 24,69 anos, como demonstra a Tabela 01.

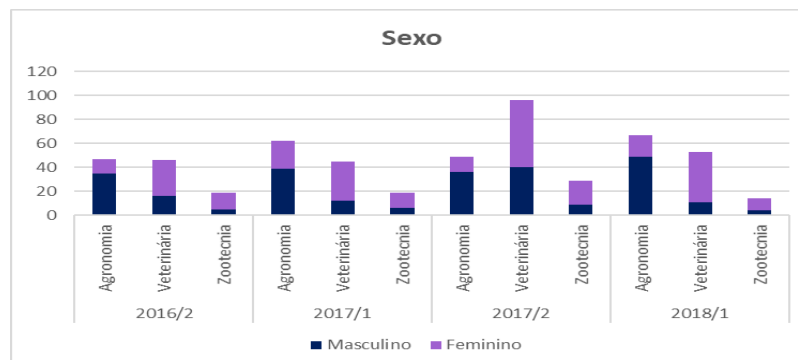
**Tabela 01:** Média de Idade, por curso e por origem dos estudantes pesquisados.

CURSO	Média de Idade	Média de Idade/Origem	
		URBANO	RURAL
<b>AGRONOMIA</b>	24,69	24,33	25,04
<b>VETERINÁRIA</b>	24,79	24,66	25,19
<b>ZOOTECNIA</b>	24,26	24,02	24,59

Fonte: Entrevistas (2016, 2017, 2018)

Ainda a respeito dos dados expressos na Tabela 01, infere-se que no caso dos três cursos quando comparamos a faixa etária com a origem destes estudantes os dados revelam que a média de idade de estudantes de origem urbana é inferior a média de idade dos estudantes de origem rural, o que em certa medida pode estar atrelado a diversos fatores que confluem para que jovens do rural tenham maiores dificuldades de alcançar as condições de acesso ao ensino superior, notadamente, se comparados aos jovens urbanos..

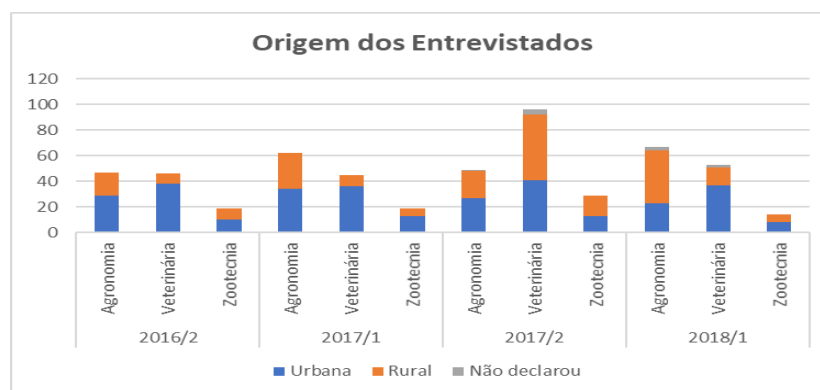
No que se refere a distribuição dos entrevistados por sexo, como demonstra o Gráfico 01, os dados apontam que há predominância do sexo masculino no curso de agronomia, sendo uma realidade distinta nos cursos de veterinária e zootecnia, onde a presença das mulheres é bastante superior. Essa situação não apresentou diferenças significativas em relação as quatro edições da pesquisa.



**Gráfico 01:** Distribuição dos estudantes entrevistados, por sexo, por curso e por semestre de realização da pesquisa.

Fonte: Entrevistas (2016, 2017, 2018)

Quanto a origem dos entrevistados o Gráfico 02 indica que no curso de veterinária há maior presença de estudantes de origem urbana, exceto em 2017/2, semestre que contabiliza 44 estudantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (com origem 100% rural) da Turma Especial (via PRONERA). Já o curso de zootecnia na maioria dos semestres apresenta certo equilíbrio, havendo em 2017/1 apresentado maior presença de estudantes de origem urbana. No que diz respeito ao curso de Agronomia migra-se de uma situação de equilíbrio à condição de prevalência de estudantes de origem rural.



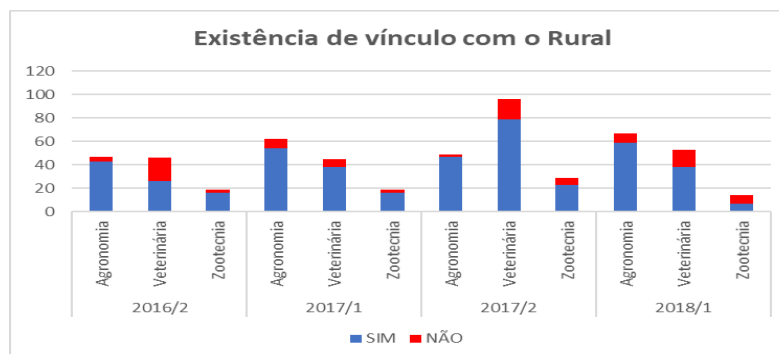
**Gráfico 02:** Distribuição dos estudantes entrevistados, por origem, por curso e por semestre de realização da pesquisa.

Fonte: Entrevistas (2016, 2017, 2018)

Em que pese, em termos gerais, a não predominância de estudantes de origem rural nestes cursos da área de agrárias, a grande maioria alega estabelecer vínculo de alguma natureza com o rural, não sendo apenas o caso de metade dos estudantes de zootecnia em 2018/1. Os vínculos descritos pelos graduandos são bastante afetivos e não efetivos, estando atrelados a família, parentes, amigos que moram no interior ou que exercem alguma atividade no rural ao qual estes já os acompanharam.

Ao buscarmos compreender em que medida a origem dos estudantes afeta sua percepção sobre o rural alcançamos que enquanto os estudantes cuja origem

é urbana tem como grandes representações de que rural é sinônimo de natureza, tranquilidade, campo e produção; no caso dos estudantes de origem rural sobressai o rural como sinônimo de vida e simplicidade, mas também produção



**Gráfico 02:** Distribuição dos estudantes entrevistados, em virtude da existência ou não de vínculo com o rural, por curso e por semestre de realização da pesquisa.

Fonte: Entrevistas (2016, 2017, 2018)

Outra diferença marcante é que no caso dos estudantes deste último grupo é mais expressiva a diversidade de sentidos que assume o rural, fato que deflagra um leque de expressões mais amplo, que perpassa categorias de idílico, ambiental/sustentável e do âmbito da produção e do trabalho. Deste ponto é importante expressar que há um processo de troca bastante rico, que ao mesmo passo em que recoloca os sujeitos diante de um campo desafiador de percepções e representações, não os permite se descolar completamente dos seus “lugares de fala”. Logo se torna crucial compreender de que forma a academia precisa atuar no processo formativo de futuros profissionais das agrárias.

#### 4. CONCLUSÕES

Os dados revelaram a presença de um perfil jovem e não exclusivamente rural, com considerável inserção do público feminino nos cursos. Além disso se pôde perceber que a maioria destes estudantes possui algum vínculo com o rural, sendo este mais afetivo do que efetivo.

Examinar e estabelecer diálogo frente aos olhares dos estudantes a respeito do rural permite, sem dúvidas, aprofundar e ampliar entendimentos a respeito das complexas dinâmicas que requerem atenção dos profissionais, potenciais propositores e/ou executores de ações de desenvolvimento, que requerem afinação e coerência com a realidade e com as demandas do rural.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, R. Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. In: ABRAMOVAY, R. **O Futuro das Regiões Rurais**, Porto Alegre: UFRGS, 2003, p.17-56.
- CARNEIRO, M. J.e MALUF, R. (Org.). **Para Além da Produção: multifuncionalidade e agricultura familiar**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. 230p.
- DORIN, L.. **Enciclopédia de Psicologia Contemporânea: Psicologia Geral**. São Paulo: Ed. Iracema, 1984.
- JOLLIVET, M. A “vocação atual” da sociologia rural. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n.11, p.5-25. 1998.